



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

29 e 30 de outubro de 2016

Notícias do Dia
Fabio Gadotti

Livro / As fantasias eletivas / Vestibular / UFSC / Udesc / Acafe / Carlos Henrique Schroeder

Autor do livro "As Fantasias Eletivas", leitura obrigatória nos vestibulares da UFSC, Acafe e Udesc deste ano, o escritor Carlos Henrique Schroeder participa, em novembro, de bate-papo com os alunos do Energia. Inscrições abrem no dia 7, na secretaria do colégio.

Diário Catarinense
Moacir Pereira

Alunos / UFSC / PEC do teto dos gastos



Notícias do Dia Plural

“A armadilha teatral de Erik Satie”

A armadilha teatral de Erik Satie / Dirce Waltrick do Amarante / Elefants
Companhia de Teatro / Florianópolis / A armadilha de Medusa / DAC /
Departamento Artístico e Cultural / UFSC / Greve



“A armadilha de Medusa” foi encenada no Capital. Trabalho converso com o nonsense e teatro do absurdo



FOTOS FABIANO AUGUSTO/DIVULGAÇÃO/ND

A armadilha teatral de Erik Satie

Única peça escrita pelo compositor francês ganhou montagem curiosa em Florianópolis

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE*

A companhia

● Autoria: Erik Satie.
● Dramaturgia: Erik Satie.
● Com: Márcio Cabral (barão Medusa); Lorenzo Lombardi (Polícarpo); Marina Bento (Frissette); Gabriel Guaraçaba (Astolfo); Felipe Soares (Planista/Erik Satie); Willian Mario, Ana Elisa Chagas e Ana Bárbara Zanella (Macacos); Paula Scheidt, André Zacchi e Robson Esteves Daniel (Cavaleiros).
● Direção: Márcio Cabral.
● Assistentes de direção: Marina Bento e Willian Mario
● Coreografia: Paula Dias
● Cenário e figurino: Márcio Cabral
● Iluminação: Gabriel Goerdert
● Tradução do texto: Marina Bento
● SAIBA MAIS EM: www.elefants.org

* Autora, entre outros, de Cenas do teatro moderno e contemporâneo (Iluminauras).

Para celebrar os 150 anos do artista francês Erik Satie (1866-1925), mais conhecido por suas composições para piano, o grupo Elefants Companhia de Teatro, de Florianópolis, montou a única peça teatral do artista, “A armadilha de Medusa”, que estreou na capital catarinense no dia 28 de outubro, no teatro Pedro Ivo. O grupo se prepara agora para mais apresentações este ano - estava previsto em início de novembro no DAC (Departamento Artístico e Cultural), da UFSC, mas foi cancelado por conta da greve na instituição.

“A armadilha de Medusa”, escrita em 1913 e encenada pela primeira vez em Paris, em 1914, é uma “comédia lírica em um ato”, cujas cenas são intercaladas por música do autor e dança de um macaco empalhado. A peça parece ter sido inspirada no nonsense de “Ubu Rei” (1896), de Alfred Jarry, que é considerado um dos precursores do “teatro do absurdo”, do qual Ionesco foi um dos mestres.

O protagonista de “A armadilha de Medusa” é um barão medíocre, um burguês que se preocupa com suas finanças pessoais e com o casamento de sua filha Frissette. Quatro são os personagens centrais da peça: o barão, sua filha, um criado e o noivo da filha do barão, além de um macaco empalhado.

Na montagem de Florianópolis, coube a Márcio Cabral o papel de

barão Medusa. Márcio assina também a direção geral, o cenário e o figurino da peça. É extremamente divertido vê-lo encenar o atropalhado e medroso Medusa e dizer, com muita naturalidade, frases completamente disparatadas como esta:

MEDUSA

- Estou sozinho? ... Bem sozinho? ...
Ele olha embaixo de todos os móveis, vai sentar-se na escrivaninha. - Eu adoro a solidão, a tranquilidade. Qualquer coisa me incomoda. Os formigamentos nos tibias me são energeticamente insuportáveis; o soluço me incomoda bastante; as meias demasiado curtas obstruem facilmente meu cérebro e me deixam afônico - moralmente, é claro.

Todos os papéis são difíceis nessa peça que exige uma total integração dos atores com a linguagem nonsense, que, para ser bem-sucedida, precisa convencer o espectador de que aquilo que se está falando ou fazendo faz sentido, ainda que não faça sentido nenhum. Portanto, não se espante o espectador se a sua sensação foi a de que “perdeu o fio da meada”.

Nessa montagem, a música é ao vivo. Felipe Soares executa no piano uma série de composições de Erik Satie, além de outras composições clássicas e de temas vindos da indústria cultural, o que muito tem a ver com a música

de mobiliário de Satie, feita para satisfazer as necessidades “úteis”.

A montagem de Florianópolis optou por colocar no palco três macacos, em vez de um macaco empalhado, como está previsto no texto original.

O cenário é despojado, mas os objetos parecem bastante pesados, principalmente a grandiosa poltrona de estilo rococó do barão Medusa, desproporcionalmente grande para o pequeno (em todos os sentidos) barão.

A montagem do grupo catarinense manteve os diálogos originais da peça, cuja tradução para o português é assinada por Marina Bento e será publicada em livro ainda este semestre pela Rafaela Copetti Editor. Em “A armadilha” existem diálogos de cunho político, e não sem razão, pois o empregado do barão é um sindicalista, que luta por seus direitos e não se intimida com a figura do nobre patrão.

O grupo de Florianópolis se valeu desses aspectos políticos para explorar a situação atual no Brasil: Polícarpo, o criado barbudo e orelhudo, fala com a língua presa, à moda de Lula, e lava dinheiro e o esfrega numa tábua de lavar roupa no fundo do palco. Já a leviana Frissette bate panelas sem perder a pose entre uma selfie e outra. Mais de 500 espectadores foram conferir a estreia de “A armadilha de Medusa”. O Sul, terra de Orpão Santo, parece mesmo gostar do inusitado e do nonsense.

Plural

“Sem essa de coitadinha”

Sem essa de coitadinha / YouTube / Deficiência física / Mariana Torquato / Vai uma mãozinha aí? / Curso de Ciência e Tecnologia de Alimentos / UFSC / Técnico-administrativo / Talidomida / Alemanha / ABDT / Associação Brasileira de Portadores da Síndrome da Talidomida / Remédio / Prótese / SUS / Fundação Catarinense de Educação Especial / Paraolimpíada / Marcella Di Santi

4/5 NOTÍCIAS DO DIA | FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 29 E 30/10/2016

FOTOS FLAVIO TRIND

Fui trabalhar na Fundação Catarinense de Educação Especial e lá conheci todos os tipos de deficiência, e consegui ver que eu servia de exemplo para muitos deles.”

Sem essa de coitadinha

Jovem de 24 anos lançou canal no YouTube para abordar temas polêmicos relacionados a pessoas com deficiência física

KARIN BARROS karin.barros@noticiasdodia.com.br

É recente, mas a florianopolitana Mariana Torquato, 24, está fazendo bastante barulho na internet com o canal no YouTube "Vai uma mãozinha aí?". Ser youtuber atualmente pode parecer moda, mas Mariana vem parar na tela do seu computador e do seu celular para levar questões importantes relacionadas às pessoas com deficiência física. A jovem, que é formada em administração pública pela Esag/Udesc, cursa a 5ª fase de ciência e tecnologia de alimentos na UFSC e trabalha como técnica administrativa na mesma faculdade. Ela não tem o antebraço esquerdo e há um mês decidiu discutir publicamente assuntos relacionados à deficiência física e expor a própria vida.

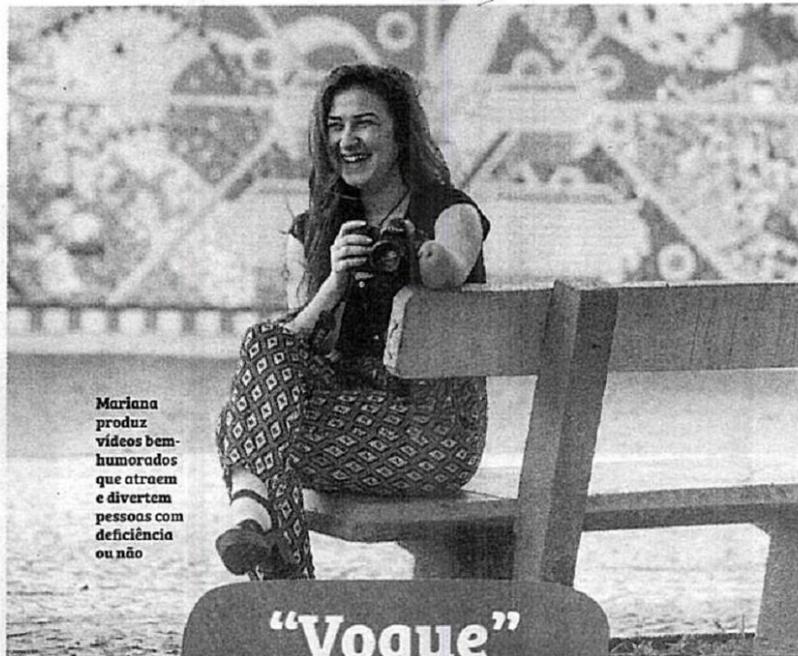
Mariana foi vítima da Talidomida, um medicamento criado na Alemanha na década de 1950. Segundo a ADBT (Associação Brasileira de Portadores da Síndrome da Talidomida), o uso desse remédio causou milhares de casos de uma síndrome caracterizada pela aproximação ou encurtamento dos membros junto ao tronco do feto. A família da jovem só descobriu sua deficiência ao nascer. "Os médicos disseram para a minha mãe me colocar em natação, em coisas que fortalecessem o meu braço para não ficar tão diferente do outro. Quando eu fui crescendo que fui notando que eu era diferente, em movimentos simples, como bater palma ou amarrar o tênis", diz Mariana.

No canal, que tem quase sete mil inscritos e 80 mil visualizações, ela traz vídeos com títulos que atraem deficientes ou não, como "O que aconteceu com o meu braço?", "Deficiente faz sexo?", "Recado para a Vogue" e "João Dória e as crianças defeituosas". Até hoje, o mais acessado foi a história de seu próprio "bracinho", como ela mesma carinhosamente o chama. Mariana trata ironicamente, despreziosamente e com muito bom humor e consciência de assuntos que a sociedade faz serem delicados, mas que deveriam ser expostos com maior naturalidade para não serem vistos com tanta estranheza por quem não tem deficiência.

A jovem afirma que hoje consegue categorizar exatamente cada olhar que recebe em direção ao seu braço, e que procura retribuir da mesma forma quem olha, seja com surpresa, curiosidade ou pena. Ela já teve seus momentos de negação, de não entender "por que comigo?", e até já usou prótese concedida pelo SUS por um ano, mas não se adaptou. "Com uns 15 anos eu acordei e pensei 'eu vou ser assim para sempre, o que eu vou fazer com isso?', e fui trabalhar na Fundação Catarinense de Educação Especial e lá conheci todos os tipos de deficiência. Consegui ver que eu servia de exemplo para muitos deles, que viam que eu era diferente, mas que estava ali trabalhando para eles", relata ela.

A mãe também foi fundamental no processo de aceitação da deficiência. "Minha mãe sempre me deu funções, falava que eu sempre poderia fazer tudo, e que tudo que eu não puder é porque eu não quero, como por exemplo andar de bicicleta, que eu não aprendi porque tenho medo", brinca. Hoje, ela fica espantada com a atitude da filha na internet em relação a alguns assuntos, mas apoia a causa. "O negócio é não vestir uma camisa do que você não quer ser. Eu nunca vesti a camisa de coitada. Com 18 anos fiz minha carteira de motorista", pontua.

“Não se vê cadeirante fazendo novela, propaganda, teatro. Quando tem, é muito aquela coisa do capacitismo.”



Mariana produz vídeos bem-humorados que atraem e divertem pessoas com deficiência ou não

**“Vogue”
foi mola
propulsora**

Mariana Torquato foi motivada pelos amigos a fazer vídeos. "Eles falavam que tinha coisa que eu fazia melhor que eles. Eles 'ficam de cara' como eu digo rápido, e diziam que eu tinha que mostrar isso, mas eu não me imaginava me expondo dessa maneira", lembra ela. Porém, com o tempo, viu que seu movimento poderia beneficiar pessoas deficientes que não vivem tão bem quanto ela, e ajudaria a expor a realidade da causa. "As pessoas não tem empatia pelo deficiente. Não se vê cadeirante fazendo novela, propaganda, teatro. Quando tem, é muito aquela coisa do capacitismo. Elas não têm a cabeça aberta para isso, e eu quero conscientizar essas pessoas", afirma.

A conversa com os amigos foi no ano passado, mas este ano, com a Paralimpíada, o assunto se mostrou mais urgente para ela, principalmente depois da capa da revista "Vogue" com os atores Cléo Pires e Paulinho Vilhena com Photoshop, como se fossem atletas deficientes. "Aquilo não me representava, não representava ninguém. Tem tanta gente deficiente bonita, gente que realmente luta por isso. E eles ainda foram eleitos embaixadores do evento. Poderia ser pelo menos alguém que tenha uma empatia com o assunto,

que tenha um filho ou alguém que represente", explica ela sobre o primeiro vídeo publicado, que teve 700 visualizações em dois dias.

Os vídeos, em parceria com Marcella Di Santi, 19, responsável pela edição, vão ao ar toda quarta-feira, às 18h. Mariana afirma que desde a primeira publicação vem recebendo diversos feedbacks, sejam positivos ou negativos, e que está conhecendo muita gente deficiente legal e que quer expor suas histórias. "Eu não faço roteiro, não planejo o que eu vou falar. Eu vejo na hora sobre o assunto, e hoje estou muito mais atenta ao que acontece em relação aos deficientes no país", diz.

A ideia de Mariana, além de levantar assuntos polêmicos, é mostrar a sua realidade. Uma delas é o vídeo aprendendo a fazer stand up paddle. Em breve, ela irá fazer um novo, só que desta vez com um remo adaptado. Também falará sobre as aulas de violão, que iniciou e está gravando todas. A jovem procura deixar bem claro também que seus vídeos não são de autoajuda, mas que procura "desmistificar, quebrar esse paradigma do deficiente ser um coitado, não estar incluído, não ter voz em nenhuma plataforma de comunicação, e a internet é democrática".

Notícias do Dia - Cidade

“Pero que las hai, las hai”

Pero que las hai, las hai / Halloween / Bruxas / Valdir Agostinho / Franklin Cascaes / Benzedeadas / WhatsApp / Gelcy Coelho / Peninha / Livro / O Fantástico na Ilha de Santa Catarina / EdUFSC / Reza / Pântano do Sul / Sambaqui / Barra da Lagoa / Bruxaria / Sueli Adriana dos Santos / Kardecismo / Dona Cotinha / Orádia Nunes / Florianópolis / Floriano Peixoto / Cultura popular / Açores / Dia das Bruxas / Praça 15 de Novembro / Itaguaçu / Rosana Munhoz

Cidade

Editor
RODRIGO LIMA
rodrigolima@noticiasdodia.com.br

(48) 3251-1427

12/13. NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 29 E 30 DE OUTUBRO DE 2016

Em tempos de Halloween,
imaginário da Ilha ainda
alimenta e reprisa histórias de
bruxas e suas maldades

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasdodia.com.br

Quando abriu a janela de casa e viu passar uma bruxa de Halloween, o multiartista Valdir Agostinho deu um suspiro de desolação. Ele, que ouviu dos pais histórias de maldades perpetradas por aquelas a quem Franklin Cascaes (1908-1983) chamava, na voz de seus personagens, de “canaiã desavergonhada do demonho”, foi obrigado a engolir essa impostura trazida de outro hemisfério para o litoral catarinense. Nesses tempos pródigos em bruxas de best-seller, em mulheres de Salém voltando às telas em nova versão, de predomínio da indústria do entretenimento sobre as culturas regionais, as bruxas daqui precisam admitir: estão desmoralizadas!

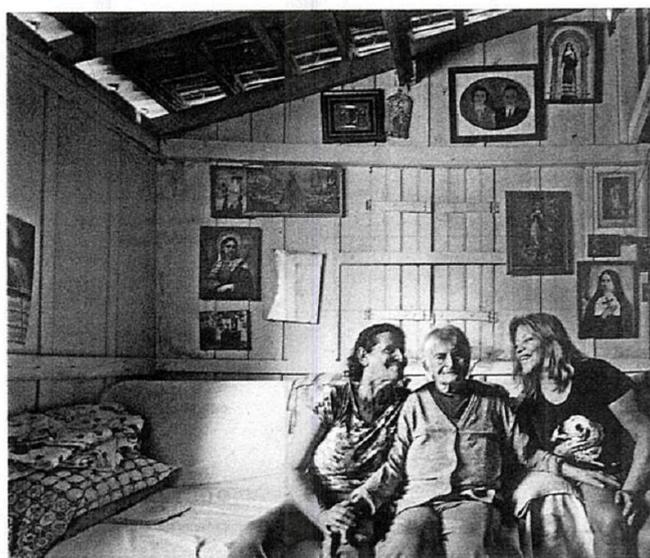
Desmoralizadas, sim, mas não mortas ou entregues ao total ostracismo. Porque, além dos relatos de Cascaes, basta sair pelas vilas e balneários para perceber que as bruxas não deixaram de frequentar o imaginário popular. Se elas estão escondidas, porque é de sua natureza, não faltam os antídotos das benzedeadas para desfazer as malinagens que ainda realizam, de acordo com a crença vigente, em forma de maledicências, fococas, maus trabalhos de todo tipo. Elas não têm nariz adunco, vassoura e riso estridente, nem galopam no meio da noite, mas continuam na ativa, urbanas e com rede de amigos no WhatsApp.

Se as descrições variam de acordo com a imaginação de cada um, também há controvérsias sobre a veracidade dos contos e a gênese das convicções em torno da atividade bruxóica nas regiões onde os imigrantes açorianos se estabeleceram a partir de meados do século 18. O famoso enunciado em língua espanhola que diz “no creo en brujas, pero que las hai, las hai” é uma síntese irônica e cruel da dicotomia e da complexidade do tema. O museólogo Gelcy Coelho, o Peninha, é um discípulo de Cascaes, mas desconstrói parte dos mitos em voga. E diz, por exemplo, que as crianças não eram raquíticas porque tinham o sangue chupado pelas bruxas, mas porque faltava higiene nos hábitos e no dia a dia dos antigos manés.

“As bruxas fazem parte da literatura oral, e tudo o que não tinha lógica, que parecia sobrenatural, era explicado assim, nos Açores e aqui”, decreta Peninha, que também atribui às mães preocupadas em controlar o peraltice dos pequenos a engenhosa criação de histórias de terror em torno das bruxanias. Nos tempos antigos, sem luz elétrica e com o medo do imponderável, cavalos relinchando na madrugada ou o mato se agitando por causa do vento engendraram a convicção de que as bruxas andavam por perto, aprontando das suas, em conluio com o diabo, seu líder e inspirador supremo.®

Pero que las hai, 1

A mãe
Adriana
(centro) e as
filhas Sueli
(à esq.) e
Normeci não
duvidam da
existência das
bruxas, mas
acreditam
mesmo em
bênçãos e
orações



Reuniões orgíacas, ataques e metamorfoses

■ O livro “O fantástico na ilha de Santa Catarina” (EdUFSC) é uma impressionante viagem conduzida pela pena de Franklin Cascaes, misto de pesquisador e artista com grande capacidade de documentar as expressões da cultura nativa. Ele não emite juízos de valor, mas agradece, no final de cada conto, o legado que teve a oportunidade de captar em empreitadas que fazia pelas comunidades do interior. Eram o linguajar matuto, os hábitos enraizados e imutáveis, a reverência ao transcendental, o temor que velo dos Açores castigados por cataclismos e se adaptou à nova terra, igualmente inóspita, embora bela e fértil.

Incapazes de ler e de se livrar das crenças ancestrais, esses ilhéus e seus vizinhos do continente soam, hoje, como seres de outro mundo – um mundo de causas, rezas, novenas, cantorias, heranças medievais e, claro, embruxamentos. Os 12 contos do livro, escritos entre 1946 e 1973, relatam histórias de bruxas que faziam reuniões orgíacas e barulhentas, atacavam animais nos pastos, se enfunavam em tarrafas de pescadores, roubavam baleeiros para navegar pelos mares do mundo, desgraçavam a saúde de recém-nascidos (não raro seus próprios parentes) e davam conta ao dia-

bo de suas estripulias.

Num dos textos, o pescador Custódio Damião saiu do Matadeiro, na companhia de quatro camaradas, para matar peixes na Lagoinha do Leste. Um deles se pôs a falar mal das bruxas, por desconfiar que elas eram responsáveis pela morte dos filhos que teve com uma certa Venança da Crispina. Em pouco tempo, pedras começaram a cair do costão e o mar se escrespou. Custódio repreendeu o amigo, mas não adiantou: a canoa foi arrastada e a lamparina e o leme se metamorfosearam em um concílio de bruxas que só se desfez com a “oração das treze verdades” rezado por um dos pescadores.

No final, os homens perceberam que as mulheres, já então desmascaradas, eram da comunidade onde viviam – porque as bruxas são sempre anônimas e perdem o poder quando descobertas. No final do livro, para facilitar a vida dos leitores, a editora providenciou um glossário com mais de cem termos usados pelos nativos, em sua linguagem peculiar – como amiudar, bandaio, bispar, candoguero, catrefa, enxidão, esguelhudo, farromero, gervão, mandraca, marasca, misura, palamenta, peteleca, pindongar, pudé, quiméria, quizila, riba, santarrar, selenita, sumanta, turéba e zarolho.

as hai



ZOICE PENINHA

Banhos e orações para salvar crianças

Seja no Pântano do Sul, seja no Sambaqui ou na Barra da Lagoa, o tema bruxaria suscita uma mescla de fascínio e temor. Deve ser, como alerta o museólogo Gelcy Coelho, porque falar de bruxas equivale a atraí-las, o que não é um bom negócio. Na Barra, a benzedeira Sueli Adriana dos Santos perdeu a conta das pessoas que livrou de problemas de saúde, ataques e maus olhados. Crianças doentes eram lavadas com banhos de alecrim, arruda, guiné e sabugueira. Com poder mediúnico, ela também frequenta centros espíritas e se diz evangélica, mas acima de tudo trabalha pelo bem alheio.

Nem ela, nem a irmã Normeci, nem a mãe Adriana, que fez 88 anos nessa sexta-feira, duvidam da existência das bruxas, porque são muitas histórias no ar, porém preferem acreditar no outro extremo, que são as bênçãos, as orações, os preceitos do kerdicismo. Isso não impede que Normeci, que viveu ali até os 17 anos, se lembre da outra benzedeira famosa, conhecida no lugar como Dona Cotinha, que salvou uma de suas irmãs partindo um pinto do galinheiro ao meio e colocando cada uma das partes no sapato da doente – que horas depois acordou disposta, bela e formosa.

Crianças embruxadas, casos de arca caída, peixes que insistem em não vir, redes embrulhadas – tudo o que era anormal, inexplicável, entrava na conta das bruxarias. E até mulheres que apareciam na casa deste ou daquele vizinho perguntando pela saúde do filho eram desmascaradas: se tem interesse em saber, é o autor da bruxaria.

Ainda na Barra, uma nativa chamada Orádia Nunes resiste, mas abre o jogo e conta de um gato que a seguiu da praia Mole até em casa, numa noite de breu, mesmo sendo permanentemente enxotado. Os olhos brilhantes do bichano vindo pela trilha, perto da meia-noite, não saíram de sua cabeça. Isso, contudo, não abala seu ceticismo com os temas do sobrenatural, atribuindo tudo a "visagens" e à "má impressão do povo". Pragmática, ela acredita mais no trabalho. "Sempre carreguei peso, escalei muito peixe, fiz renda e redes de pesca, e nunca fui incomodada por ninguém", conclui.

REZA ANTIGA CONTRA BRUXARIAS

Treze raio tem o Sólil,
treze raio tem a Lua,
sarta diabo pro inferno,
qu' esta alma não é tua.
Tosca marosca, rabo de rosca,
vassoura na tua mão,
reio na tua bunda e
agulhão nos teus pé.
Por riba do silvado e
por baixo do telado!
São Pedro, São Paulo
e São Fontista
por riba da casa, São
João Batista.
Bruxa tatarabruxa, tu não
me entres nesta casa
nem nesta comarca toda,
por todos os santos
dos santos.
Amém!



Cidade embruxada, diz Peninha

A convicção de Gelcy Coelho, o Peninha, é inabalável. Ele atribui à educação repressora, à ignorância generalizada e à inveja que a beleza de algumas moças suscitava em outras a construção de um arcabouço que sustenta o universo da bruxaria. Cavalos eram atacados por morcegos, e não por bruxas, e as crianças adoeciam porque usavam chupetas sujas e contaminadas. O que Cascaes coletou é do imaginário, das crenças, da tentativa de explicar o que não tinha sentido prático. A igreja católica, com sua condenação às magias e aos costumes profanos, ajudou a esmorecer as tradições, mas isso custou caro, porque os fiéis se bandearam para outras religiões.

Hoje, quem está embruxada é a cidade de Florianópolis, na opinião do museólogo, porque adotou o nome de "um criminoso", que é como qualifica Floriano Peixoto. Ou seja, enquanto mantiver esse nome, nada dará certo na Ilha. E os homens bruxos? "Esses são mais perigosos e estão no poder, nos parlamentos, e não gostam da educação", dispara Peninha.

Para outro ícone da cultura popular, Valdir Agostinho, as bruxas podem se travestir de benzedeiras, parteiras e cartomantes, e por isso estão no meio do povo – o que não impede que, à noite, abusem de sua condição. Mas as histórias que ouvia em roda, com a família reunida, pertencem ao passado. "Hoje, não temos mais essa coisa bonita, espirituosa, e o que predomina são os prédios envidraçados, o luxo, os modismos", afirma.

As bruxas fazem parte da literatura oral, e tudo o que não tinha lógica, que parecia sobrenatural, era explicado assim, nos Açores e aqui".

Gelcy Coelho, o Peninha, museólogo

Passeio por pontos bruxólicos

Para marcar o Dia das Bruxas, mas à moda ilhoa, a empresa Floripa by Bus vai realizar neste sábado, a partir das 18h30, um passeio pelos pontos bruxólicos citados por Franklin Cascaes, incluindo a praça 15 de Novembro e o bairro Itaguaçu, na parte continental da cidade. "A ideia surgiu para se contrapor ao Halloween", diz a proprietária, Rosana Munhoz.

Para ela, os próprios moradores conhecem pouco determinadas áreas da Capital, e o passeio pode permitir descobertas interessantes. Mais informações sobre o passeio podem ser obtidas pelo telefone 9924-8636 ou na página do Floripa by Bus no Facebook.

Notícias do Dia Eleições

“Como foi o caminho até aqui”

Como foi o caminho até aqui / Candidatos / Prefeitura Municipal de Florianópolis / Eleição / Angela Amin / Gean Loureiro / Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / TRE-SC / Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina / Prefeitura Municipal de Joinville / Prefeitura Municipal de Blumenau / Udo Döhler / Darci de Matos / Napoleão Bernardes / Jean Kuhlmann / Cesar Souza Júnior / Mestrado em Engenharia de Produção

Como foi o caminho até aqui

Trajetória política dos candidatos à Prefeitura da Capital se cruza na eleição em segundo turno deste domingo

DAIANA CONSTANTINO
daiane.constantino@noticiasdojornal.com.br

Com uma diferença de idade de quase duas décadas, os candidatos à Prefeitura de Florianópolis, Angela Amin (PP) e Gean Loureiro (PMDB), tiveram suas trajetórias políticas tanto na esfera Executiva quanto na Legislativa. Ainda calouros, aterrissaram na Câmara de Vereadores, onde escreveram as primeiras linhas de suas biografias para cargos eletivos. Ao mesmo tempo, os dois buscaram formação acadêmica e especialização.

Ampliaram suas experiências e ocuparam cadeiras na Câmara dos Deputados, onde integraram comissões temáticas. Angela mirou vãos mais altos ao disputar o governo do Estado. Perdeu as duas vezes que concorreu, mas chegou ao segundo turno em 1994, tendo como adversário o ex-governador Paulo Afonso Vieira (PMDB). Foi um dos tantos registros de embates acirrados entre PP e PMDB na história de Santa Catarina.

Diferentemente de Gean, Angela já comandou a Prefeitura da Capital por dois mandatos consecutivos. Gean chegou perto em 2012, quando disputou o segundo turno. Outra diferença é que o peemedebista buscou a cadeira de deputado estadual, para o qual foi eleito em 2014. Já a pepista nunca concorreu a um assento na Assembleia Legislativa.

Um dos momentos de plena atividade política dos dois candidatos, a década de 1990 marcou a biografia de Gean como vereador aos 19 anos, sendo eleito para o mesmo cargo por cinco vezes consecutivas. Já Angela venceu a disputa para prefeitura, sendo reeleita no primeiro turno do pleito seguinte.

Agora, os interesses e ambições colocam Angela e Gean frente a frente. Numa campanha de segundo turno marcada por ataques e embates políticos acalorados, pepista e peemedebista usam suas munições em busca do posto maior do Executivo municipal. ■

Angela Amin (PP)

2016

Disputa novamente a Prefeitura de Florianópolis. Recebe 60.959 votos no primeiro turno

2014

Termina o doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)

2010

Volta a concorrer ao governo do Estado. Recebe 857.698 votos, perdendo no primeiro turno para Raimundo Colombo (PSD)

2008

Como presidente da Comissão de Desenvolvimento Urbano da Câmara, é relatora de leis voltadas ao saneamento básico e à mobilidade urbana. Em 2010, coordena o Fórum Parlamentar Catarinense

2006

Conquista novamente uma cadeira na Câmara dos Deputados. No ano seguinte, assume a vice-presidência da Comissão de Educação

FOTOS: ACERVO PRESS/ALNO



2000

É reeleita em primeiro turno, com 105.495 votos (55,76%) dos votos válidos. Ao longo dos dois mandatos, recebeu o prêmio "100 melhores práticas do mundo", conferido pela ONU em razão do programa "Capital Criança", voltado à redução da mortalidade infantil e por ter sido considerada a melhor prefeita das capitais do Brasil por seis ocasiões

1996

É eleita prefeita de Florianópolis, com 54.005 votos. Seu adversário no segundo turno é Afrânio Boppê, na época filiado ao PT, que alcança 41.804 votos



1994

Candidata-se ao governo do Estado. No primeiro turno, recebe 1.001.466 (45,86%) votos. O adversário político Paulo Afonso (PMDB) alcança 742.643 (54%) votos. No segundo turno, o peemedebista ganha a eleição, com 1.288.044 (50,80%) votos. Angela faz 1.247.562 votos



1990

Com 129.011 votos, é eleita deputada federal. Durante o exercício do mandato, foi relatora da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, um dos temas centrais da sua atuação política

1988

É eleita vereadora da Capital com 7.771 votos, a maior votação daquele pleito para a Câmara. Fez a relatoria do Capítulo da Ordem Social da Lei Orgânica do Município

1976

Conclui graduação em Matemática pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)

1973

Inicia a carreira profissional trabalhando como secretária da Esag/ Udesc (Escola Superior de Administração e Gerência)

1983

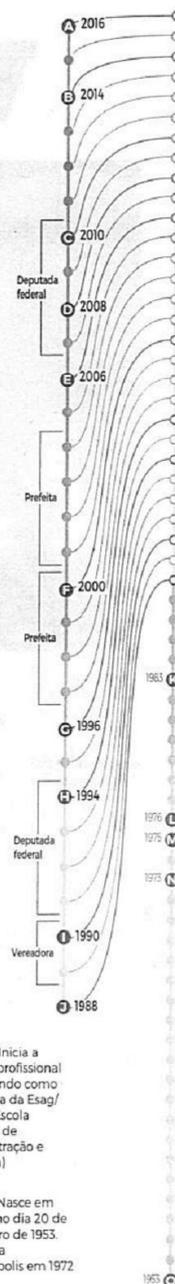
Assume a presidência da Fundação de Assistência Social do Estado. Marca o começo da atuação pública. No cargo, desenvolveu uma política de atendimento às crianças, o Procriança

1975

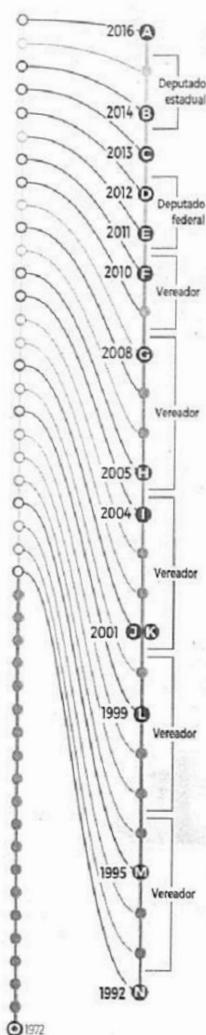
Ingressa na Codesc (Companhia de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina)

1953

Nasce em Indaial, no dia 20 de dezembro de 1953. Chegou a Florianópolis em 1972



Gean Loureiro (PMDB)



2016 Entra na disputa pela prefeitura novamente. Conquista 100.214 votos no primeiro turno

2014 Concorre a uma vaga na Alesc (Assembleia Legislativa de Santa Catarina) e ganha a corrida eleitoral com 58.239 votos. É eleito o sétimo deputado mais votado no Estado



2013 Assume a presidência da Fatma (Fundação do Meio Ambiente)

2012 Disputa a eleição para prefeito de Florianópolis e entra no páreo do segundo turno do pleito contra o atual prefeito da Capital, Cesar Souza Júnior (PSD). Loureiro recebe 171.691 votos

2011 Depois dos cinco mandatos como vereador, assume, como suplente, vaga de deputado federal. Entrou na vaga liberada por Paulo Bornhausen (DEM, na época), que migrou para a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Sustentável. Uma das emendas conquistadas pelo peemedebista custeou 32 academias de saúde na Capital



2010 Ainda atuando como vereador, disputa uma vaga na Câmara dos Deputados. Com 68.921 votos, fica como suplente

2005 A partir deste ano, integra o governo Dário Berger, ocupando pastas no Executivo. Alterou cargos nas secretarias de Governo, do Continente e de Planejamento. Ocupa cargos até 2007 e de 2011 a 2012

2004 Termina o mestrado em Engenharia de Produção pela UFSC

2001 Assume como diretor de Justiça e Cidadania, cargo no governo de Santa Catarina, que exerce até 2002

2008 Vereador em Florianópolis, assume a Presidência da Câmara

2001 Como vereador, preside a Comissão de Direito do Consumidor. Entre suas propostas, cria as leis que restringem o uso de cigarro em locais públicos e fechados e que disponibilizam o teste da orelhinha gratuitamente para todos os recém-nascidos

1999 Forma-se em Administração, na Univali (Universidade do Vale do Itajaí). Aplicação de Ferramentas para a Qualidade na Administração Pública é o tema do trabalho de conclusão de curso

1995 Conclui a graduação em Direito pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)

1992 Aos 19 anos, é eleito vereador, sendo o mais jovem parlamentar da Câmara de Florianópolis. Eleger-se para o mesmo cargo por cinco vezes consecutivas



1972 Nasce na Capital, em 9 de outubro de 1972. Cresceu na Colônia, comunidade da região continental de Florianópolis

AGENDA DOS CANDIDATOS

Voto domingo pela manhã

A propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão terminou nesta sexta-feira. Os candidatos Angela Amin (PP) e Gean Loureiro (PMDB) agradeceram e reforçaram o pedido de voto. Sem o palanque digital, a campanha continua neste sábado, também com algumas restrições. Domingo, tanto Angela quanto Gean votarão pela manhã e aguardarão o resultado em casa.

Sábado é permitida a propaganda eleitoral mediante alto-falantes ou amplificadores de som, até as 22h. Também é o último dia em que é possível, até as 22h, distribuir material e promover caminhada, carreta, passeata ou carro de som que transite pela cidade.

Angela percorrerá pontos de mobilização da candidatura em diversos pontos da cidade, das 12h às 18h. Gean fará uma caminhada a partir das 9h30, com concentração na rua Hercílio Luz. À tarde, uma carreta pelo Sul do Ilha ainda está por ser confirmada.

Domingo, os candidatos votarão pela manhã. Angela deve comparecer ao campus de Coqueiros do IFSC às 9h. Gean irá às 10h15 ao Colégio Catarinense. Ao longo do dia, ambos devem permanecer em casa. Após a divulgação do resultado, Gean deve ir ao Koxixo's, na Beira-Mar Norte. Angela não detalhou esse programação.

Ao final do horário político em rádio e TV, nessa sexta-feira, os candidatos fizeram um balanço da campanha. Gean resgatou imagens, em especial, do segundo turno. Logo no início, exibiu cenas de um diálogo com pescadores, inclusive puxando uma rede. Angela também reproduziu contatos com eleitores que tiveram a vida impactada pela gestão anterior na prefeitura e cujas histórias foram narradas ao longo dos programas.

Ainda nessa sexta, Gean assegurou na Justiça espaço para direito de resposta em relação a citações contra o vice de sua chapa, João Batista Nunes (PSDB) no programa de Angela. O entendimento do juiz Leone Carlos Martins Júnior, da 100ª Zona Eleitoral, foi de que a citação que João Batista "teria transformado o aumento da frota de táxis na Capital em 'caso de polícia'" foi ofensiva. Gean terá direito a 16 inserções de 30 segundos.

PESQUISA IBOPE

Gean mantém liderança, Angela diminui diferença

Pesquisa de intenção de votos para a Prefeitura de Florianópolis foi divulgada nessa sexta-feira. Gean Loureiro (PMDB) continua na liderança isolada, mas Angela Amin (PP) diminuiu a diferença. A terceira rodada da consulta feita pelo Ibope, contratada pela RBSTV, tem margem de erro de três pontos percentuais.

Considerando votos totais, Gean tem 44%, e Angela, 36%; brancos, nulos ou nenhum, 16%; não sabe ou não respondeu, 4%. Nas consultas anteriores, em 10 e 21 de outubro, Gean tinha 53%, depois 49%. Angela passou de 26% para 30%.

Nos votos válidos, excluindo brancos e nulos, Gean tem 55%, e Angela, 45%. Nos levantamentos anteriores, Gean tinha 67%, depois 62%. Angela tinha 33%, depois 38%.

Foram ouvidos 805 eleitores, entre 26 e 28 de outubro. A pesquisa foi registrada no Tribunal Regional Eleitoral sob o protocolo SC-05916/2016.

Notícias do Dia Economia

“Santa Catarina mais próxima da Alemanha”

Santa Catarina mais próxima da Alemanha / Cooperação / Parceria / EEBA 2016 / Encontro Econômico Brasil-Alemanha / Weimar / Aomori / Acordo de Irmanamento / Turíngia / Carlos Adauto Virmond / Fiesc / Glauco José Côrte / Sandro José Neis / MPSC / Ministério Público de SC / UFSC / Universidade de Nordhause / Universidade de Jena / Ernst Abbe / Universidade de Erfurt / Wolfgang Tiefensee / Brasil

20/21.Economia

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 29 E 30 DE OUTUBRO DE 2016

Santa Catarina mais próxima da Alemanha

Acordo de Irmanamento assinado no dia 17 vai impulsionar negócios, pesquisas e intercâmbios

ALESSANDRA OGEDA

alessandra.ogeda@noticiasodia.com.br

Outubro de 2016 pode ser considerado um divisor de águas nas relações que Santa Catarina tem com a Alemanha. Saímos do patamar das relações afetivas e culturais, originadas pela colonização alemã no Estado, e entramos em um novo patamar nos contatos de cooperação e de parcerias para pesquisa, desenvolvimento, ampliação comercial e de investimentos.

A mudança de patamar foi provocada pelo Acordo de Irmanamento entre Santa Catarina e Turíngia assinado no primeiro dia do EEBA 2016 (Encontro Econômico Brasil-Alemanha) promovido na cidade de Weimar, um marco cultural e histórico da Alemanha e uma das cidades-referência da Turíngia.

Segundo levantamento feito pelo governo catarinense, este é o primeiro acordo de irmanamento de Santa Catarina realmente efetivo desde o ano 2000, pelo menos. Outro acordo de irmanamento, feito com a província japonesa de Aomori, data de outubro de 1980. Ele foi feito por causa de uma cooperação que estava em andamento desde meados da década de 1970 e que previa a introdução e disseminação da maçã Fuji em Santa Catarina. Além desta parceria, o Estado tinha apenas acordos de cooperação, geralmente com efeitos concretos mais na área cultural, e que tinham duração de dois ou três anos.

A diferença agora é que o Acordo de Irmanamento entre SC e a Turíngia, que demorou um ano para ser estabelecido, deu a largada já com 23 acordos de cooperação nas áreas de educação, pesquisa, investimentos e desenvolvimento de produtos (confira no box da próxima página). “Esse acordo não é um ato simbólico entre governos, mas ele está revestido de ações concretas, aproximando entidades públicas e privadas de ambos os Estados para que elas cooperem entre si”, comentou o secretário de Assuntos Internacionais de SC, Carlos Adauto Virmond.



O centro histórico da cidade de Weimar é apenas um dos atrativos da cidade que sediou o EEBA 2016

Potencial de parceria em vários campos

O presidente da Fiesc, Glauco José Côrte, destacou na Alemanha a assinatura entre as agências de captação de recursos e atração de investimentos de SC e da Turíngia. “Nós estamos animados com as perspectivas de nos aproximarmos cada vez mais da Alemanha. Olhando, sobretudo, para as nossas pequenas e médias empresas, que têm bons produtos e boas oportunidades de colocação de seus produtos com a ajuda da Fiesc”, projetou.

Segundo o Procurador-Geral de Justiça, Sandro José Neis, que liderou a participação do MPSC (Ministério Público de SC) na missão governamental para a Alemanha, com o acordo será possível trocar informações e tecnologias que envolvam a área investigativa. “Especialmente no combate à corrupção, à lavagem de dinheiro e ao crime organizado. Também estamos dando início a um trabalho de cooperação também no aspecto de capacitação”, complementou.

O presidente do Sistema Acafe e reitor da Unisul, Sebastião Salésio Herdt, que também fez parte da missão catarinense, destacou a cooperação das instituições universitárias dos dois Estados para desenvolver pesquisas. “Temos uma identidade muito forte nas energias renováveis, e esta área nos interessa muito. Também temos o setor óptico, que é muito forte na Turíngia. Acho que os nossos cursos de medicina podem se valer destas pesquisas”, comentou.

Perfil dos Estados e dos acordos

Confira os principais números de Santa Catarina e da Turíngia e os detalhes dos 23 acordos:



Turíngia

- **Localização no país:** região central
- **Capital:** Erfurt
- **Área do território:** 16.202,14 km²
- **População:** 2,2 milhões de habitantes
- **As três maiores cidades:** Erfurt (201,9 mil habitantes), Jena (106,4 mil habitantes), Gera (95,7 mil habitantes)



Santa Catarina

- **Localização no país:** região Sul
- **Capital:** Florianópolis
- **Área do território:** 95.737,9 km²
- **População:** 6,91 milhões de habitantes
- **As três maiores cidades:** Joinville (569,6 mil habitantes), Florianópolis (477,8 mil habitantes), Blumenau (343,7 mil habitantes)



1. Univille e Universidade de Schmalkalden - Áreas de interesse: ciência da saúde, engenharia e meio ambiente

2. Udesc e Escola de Música de Weimar - Para intercâmbio de estudantes

3. Acafe e Universidade de Erfurt - Cooperações em áreas que ainda serão estabelecidas

4. Acafe e Universidade de Nordhause - Cooperações em áreas que ainda serão estabelecidas

5. Acafe e Universidade de Jena/Ernst Abbe - Cooperações em áreas que ainda serão estabelecidas

6. UFSC e Universidade de Nordhause - Acordo guarda-chuva

7. UFSC e Universidade de Jena/Ernst Abbe - Acordo guarda-chuva

8. Udesc e Universidade de Nordhause - Área de interesse para cooperação inicial: tratamento de água

9. Sociesc e Universidade de Erfurt - Áreas de interesse para cooperação inicial: arquitetura, tecnologia e urbanismo

10. Investe SC e LEG-Thüringen - Troca de experiências e informações sobre as duas regiões para investidores locais

11. JEC e DoppelPASS e.V - Parceria com entidade que desenvolve projetos educacionais e sociais para crianças e jovens na área esportiva

12. Fundação Certi/Fapesc e Instituto Fraunhofer - Contatos iniciais para parcerias no setor óptico

13. Fundação Certi/Fapesc e ThEGA - Contatos iniciais para parcerias na área de energias renováveis

14. Fundação Certi/Fapesc e Universidade de Imenau - Contatos iniciais para pesquisas nas áreas de polímeros e têxtil

15. Fundação Certi e IT Netz Thüringen - Contatos iniciais para parcerias na área de smart cities (cidades inteligentes)

16. UFSC e Universidade de Erfurt - Acordo guarda-chuva

17. Sociesc e Universidade de Jena/Ernst Abbe - Área de interesse inicial: economia e arquitetura

18. Blumenau e empresas do setor de alimentos - Desenvolvimento de produtos típicos para a Oktoberfest

19. IFSC e entidade educacional na Turíngia - Contato inicial para o estabelecimento de cooperações

20. Ministério Público de Santa Catarina e Instituições do Judiciário da Turíngia - Contatos estabelecidos para a troca de informações, como técnicas de investigação e combate à lavagem de dinheiro

21. Secretaria de Planejamento do Estado de Santa Catarina e entidades da Turíngia - Contatos para a troca de informações sobre mobilidade urbana

22. Epagri/Secretaria de Agricultura do Estado de Santa Catarina e entidades da área da agricultura da Turíngia - Contatos estabelecidos para a troca de informações sobre produtos do setor da agroindústria dos dois Estados

23. Empresas da agroindústria de Santa Catarina e da Turíngia - Contatos estabelecidos para a troca de informações e de tecnologias de produção

Uma nova ponte estabelecida

■ Quando o acordo foi assinado na Alemanha, o secretário de Estado Carlos Adauto Virmond ressaltou que agora é preciso uma mobilização de diversos agentes para fazer a irmandade realmente acontecer. "Estamos construindo pontes. Cabe agora à indústria, à sociedade, às universidades e aos institutos de pesquisa atravessarem esta ponte para que nós possamos nos aproximar mais da Alemanha e conseguir, com isso, ampliar o desenvolvimento da população catarinense", disse.

Localizada no coração da Alemanha, a Turíngia é um Estado industrializado e com algumas cidades que são referência cultural no país. "São dois Estados onde predomina o espírito empreendedor, onde se faz pouca propaganda e onde se trabalha muito", observou Adauto.

Segundo Wolfgang Tiefensee, ministro de Economia, Ciência e Sociedade Digital da Turíngia, o Estado alemão passou pela experiência da desindustrialização até que, há 25 anos, iniciou um processo para tornar-se, novamente, um Estado industrial.



O Brasil está passando por um momento difícil agora, como nós já passamos antes. Mas um momento ruim pode impulsionar um novo momento."

Wolfgang Tiefensee, ministro

Referência em história e cultura

■ A Turíngia abriga muitas cidades célebres para a história e a cultura da Alemanha. Entre os destaques estão a capital e cidade mais populosa do Estado, Erfurt, que é visitada pelo seu antigo centro medieval, incluindo uma das catedrais mais antigas da Europa, datada do século 8 e onde Martinho Lutero celebrou muitas missas, e a ponte Krämer, a maior ponte habitada da Europa.

Entre os monumentos luteranos no Estado, destaque para a cidade de Eisenach e o Castelo de Wartburg, onde Lutero traduziu o Novo Testamento para o alemão. Weimar é a cidade das referências culturais, abrigando a Biblioteca Anna Amalia, tombada como Patrimônio Histórico da Humanidade; as casas e os detalhes das rotinas de ícones como Johann Wolfgang von Goethe, Friedrich Schiller, Franz Liszt e Johann Sebastian Bach; e a tradição da Escola Bauhaus, fundada por Walter Gropius e que, hoje, é preservada na Universidade de Bauhaus.

Diário Catarinense Opinião

“A lição dos aliens”

A lição dos aliens / Fábio Lopes da Silva / Professor / Departamento de Letras / UFSC

A lição dos aliens

O que fazer com seu tempo livre? Recomendo que você leia Dostoiévski ou Nabokov. Mas não o culpária se preferisse um filme americano. Diversão e escapismo também fazem parte da vida. De resto, mesmo as experiências aparentemente mais leves podem trazer algum ensinamento. Pensem, por exemplo, nas produções cinematográficas sobre alienígenas. Quando se observa com um mínimo de atenção os extraterrestres criados por Spielberg, Cameron & Cia, uma coisa salta aos olhos: eles podem ter cabeças imensas, corpos esponjosos ou quatro olhos, mas, no fundo, por trás daquelas formas estranhas, se parecem bastante com a gente. Um ser de outro planeta, em tese, deveria encarnar o totalmente outro, alguém completamente diferente de nós. No entanto, na hora de concebê-los, tudo o que conseguimos fazer é produzir um ser humano mais ou menos modificado. O ET pode ser um pouco esquisito, mas não passa de nossa imagem, com ligeiras distorções, refletida no espelho.

Por que chamo a atenção para esse dado? É que ele nos mostra, de maneira muito prática e acessível, como nos relacionamos com a diferença. Hoje não existe palavra de ordem mais difundida do que a da aceitação da diversidade ou, no mínimo, a tolerância a ela. Mas é preciso que nos perguntemos o que exatamente entendemos por diferença. O exemplo dos alienígenas de Hollywood é, nesse sentido, esclarecedor: estamos dispostos a dar lugar ao que escapa à norma desde que não escape muito à norma. Em outras palavras, o



FÁBIO LOPES
DA SILVA

Outro que estamos prontos a acolher é o que não põe em xeque a nossa autoimagem, a nossa identidade, aquilo que julgamos ser e, no fim das contas, queremos continuar sendo.

Claro, o racista empedernido ou o sexista é um indivíduo abominável, que deve ser criticado e combatido. Mas cabe acrescentar que o liberal e o tolerante não são tão bonzinhos quanto parecem. Eles também, embora tenham dificuldade de admitir isso, estão a um passo de chamar a polícia, o síndico, o corpo de bombeiros, a ambulância do manicômio ou a carrocinha. Basta que o diferente ouse exercer a sua diferença além do previamente combinado.

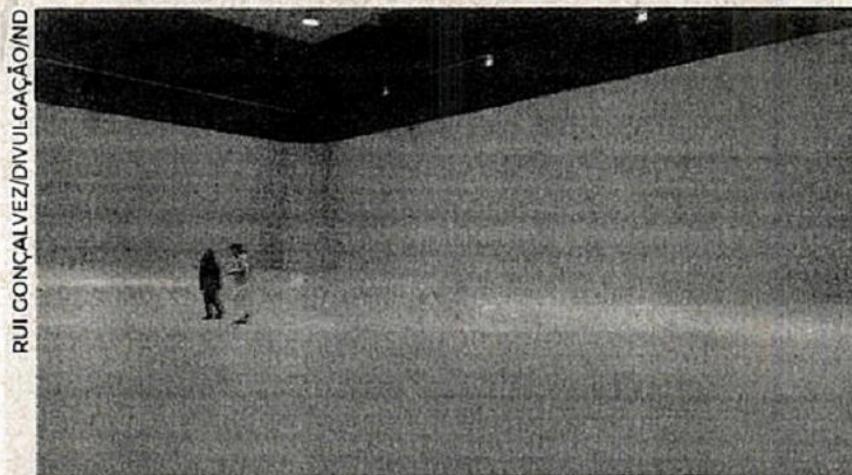
Atualmente, mais do que nunca, as minorias – gays, lésbicas, travestis, prostitutas, negros etc. – dirigem-se frequentemente ao Estado e às instituições em geral a fim de reivindicar inclusão e ampliação de direitos. É compreensível e mesmo desejável que o façam. Afinal, quem não quer viver protegido pela Lei? Mas cabe compreender que essa inclusão é e será sempre, em alguma medida, problemática e precária. É o que se aprende vendo os aliens do cinema: toda inclusão exclui algo, todo reconhecimento da diferença paradoxalmente reforça a imagem que temos de nós mesmos, impedindo, assim, cada vez mais, que os diferentes muito diferentes encontrem seu lugar neste pequeno planeta perdido no espaço.

Professor do departamento de Letras da UFSC

Notícias do Dia Conectados

“Produções de primeiro mundo”

Produções de primeiro mundo / Animações / 3D / UFSC / TecMídia / Design Lab / Captura de movimento / Chroma key / Professor / Milton Horn / Florianópolis / Brasil



Estúdio está aberto para pesquisas e locações privadas

PRODUÇÕES DE PRIMEIRO MUNDO

Com nada menos do que 770 m² (9 m de pé direito), tecnologia de ponta para produzir animações em 3D, games e entretenimento imersivo digital, a UFSC inaugurou, na quarta-feira, o TecMídia, estúdio do Design Lab, espaço que já nasce referência internacional em captura de movimento, simuladores e projetos na área da saúde. A partir de agora – com o novo megaestúdio de chroma key, único na América Latina neste estilo –, a ideia é reforçar o caráter de inovação em experimentos, pesquisas e patentes junto a empresas e indústria do entretenimento no contexto da economia criativa, inclusive por meio da locação do espaço. O coordenador do TecMídia, professor Milton Horn, não esconde o entusiasmo. “Com o TecMídia vamos inserir Florianópolis e o Brasil na linha de frente deste tipo de entretenimento”, disse à coluna. ●

Angela Amin / Angela Regina Heinzen / Indaial / UFSC / Candidata / Prefeitura Municipal de Florianópolis / Esperidião Amin / Florianópolis / Saúde / Qualidade de vida / Mobilidade

LEITORES 2016

ANGELA AMIN

Da primeira fala em um comício no início dos anos 1980 até a atual disputa, candidata do PP acumula sequência de vitórias nas urnas

EMERSON GASPERIN

emerson.gasperin@diariocatarinense.com.br

Se tinha uma coisa que aterrorizava a pequena Angela Regina Heinzen nos tempos de escola era falar em público. Aluna de um colégio municipal em Indaial, onde nasceu, ela se destacava nos cálculos que tiravam o sono dos colegas nas aulas de matemática - tanto que acabaria se formando nessa área na UFSC. Mas bastava ser obrigada a abrir a boca diante de uma plateia para a atual candidata do PP à prefeita de Florianópolis travar. Era tão imibida que, quando foi estudar em Blumenau, a mãe a acompanhou para pedir aos professores que não a submetessem a provas orais. A dificuldade foi superada em 1982 em um palanque, ensaiando a vocação para a política que a filha de dona Petronila desenvolveria anos depois.

Naquela época, Angela militava na coordenação da campanha do marido, Esperidião Amin, ao governo estadual. Durante um comício em Lages, o candidato do partido (então o PDS) ao Executivo local, Paulo Duarte, passou a palavra a ela, alegando que seria muito importante a futura primeira-dama do Estado contar de seu parentesco com D. Daniel Hostin, o bispo da cidade. Surpreendida pela convocação, Angela não teve como recuar. De microfone em punho, disse que o religioso era irmão de sua avó materna e pediu votos para o aliado. Dali para a frente, encerrar uma audiência nunca mais seria problema.

- Ao voltar a Indaial para buscar o (filho) João, que tinha dois anos e havia ficado com meus pais lá, minha mãe já estava me esperando no por-

tão: "Cansei de ir ao colégio para justificar por que não falavas em público e tu agora fazendo comício!" - lembra Angela, aos risos, enquanto toma um expresso no café ao lado de seu comitê, no bairro Itacorubi, no final de tarde de uma terça-feira.

O *coffee break* é uma rara pausa para relaxar nos últimos dias de uma campanha que começou na manhã de um sábado, 20 de agosto, com uma caminhada no Estreito, na parte continental da Capital. Após o breve intervalo, ela iria gravar programas para o horário eleitoral na TV. A programação vespertina havia se iniciado no alto do Morro da Caixa, no Centro. Esperidião a esperava para a largada, no acesso ao Parque Natural Municipal do Morro da Cruz. Bom-humorado, o deputado confirmou que a esposa continua administrando as contas domésticas, cuidando inclusive do salário e da maioria das despesas dele.

- Sim, ela que controla o dinheiro da família. Mas anda meio esquecida, faz tempo que não reajusta minha mesada.

AUTONOMIA FORA E DENTRO DE CASA

O caminho dos dois se cruzou graças a uma aposta. Após se mudar para Florianópolis em 1972 para cursar a universidade, Angela se sustentava como secretária na antiga Escola Superior de Administração e Gerência (Esag, hoje Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas da Udesc), onde o ainda hirsuto Esperidião lecionava. Valendo um jantar, ele confiava no seu Avai contra o Figueirense do professor



TRÊS PRINCIPAIS PROPOSTAS

ISAÚDE

"Melhorar o atendimento na área da saúde, principalmente na humanização. Fazer com que o cidadão que vai a um posto de saúde tenha seqüência no atendimento".

QUALIDADE DE VIDA

"Levar a autoestima e a qualidade de vida no município. Não queremos mais que

aquilo que nós fizemos para o cidadão na inclusão social, principalmente na política habitacional, na qual tinha creche, posto de saúde, escola, centro de convivência, centro de inserção no mercado de trabalho, venha a ser destruído."

MOBILIDADE

"Implantar aquilo que nós

propusemos na integração do transporte coletivo: menos tempo de espera e mais respeito ao cidadão. A qualidade dos ônibus caiu muito. As linhas diretas nós que fizemos, hoje não tem nenhum ônibus com ar-condicionado. Isso é uma questão de honra para mim. Andei de ônibus durante toda a minha vida escolar e universitária, sei o que é."

Carlos Wolowski Mussi. O rival venceu. O trato seria honrado pelo perdedor no restaurante do hotel Plaza Itapema, na cidade homônima, com a presença de uma funcionária como testemunha. Que, para não ir sozinha, convidou a amiga Angela.

— Chegamos lá, estava fechado. Então fomos para o Frohsinn, em Blumenau. Também fechado. Acabamos comendo mal, em um lugar qualquer. Toda vez que passava na secretária da Esag ele me convidava para jantar de novo, dizendo que aquele não tinha contado. Um dia, aceitei e fomos para o Plaza Itapema — diz Angela.

O flerte evoluiu, embora Esperidião não topasse a hipótese de a mulher com quem pretendia se casar trabalhar fora. Mas Angela jamais abriria mão desse direito, até pela educação que tivera desde criança. Quarta dos nove filhos de uma professora e de um tecelão (Pedro, falecido em 2012, aos 89 anos), ela foi criada para ser independente. Aos 12 anos, já ganhava seus trocados bordando roupas para bebês. A firmeza dela em defender a autonomia o levou a não apenas rever seus conceitos como pedir à noiva, àquela altura empregada da Codese, ajuda na campanha para deputado federal em 1978. A partir dali, a vida pública e Angela — com o Amin do homem com quem se casaria no ano seguinte definitivamente incorporado ao seu RG, acrescido de Helou — andariam sempre lado a lado.

DE VEREADORA A PREFEITA DA CAPITAL

Sua estreia nas urnas foi avassaladora. Ela havia se projetado no primeiro mandato de Esperidião no governo estadual (1983-1987) pela atuação na presidência da Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense (Lades) e à frente do projeto Pró-Criança. Quando o marido concorreu à prefeitura da Capital, em 1988, o nome de Angela Amin surgiu naturalmente como opção para compor uma bancada forte de vereadores do PDS.

— Ele só me perguntou se eu tinha pensado bem. Eu disse: sim, não te preocupa, não vou te atrapalhar. E vou me eleger — diz.

Recebeu 7771 votos, recorde em Florianópolis quebrado somente no último 2 de outubro pelos 11.157 obtidos pelo correligionário Pedrão Silvestre (PP). No parlamento municipal, foi contra a licença-maternidade para as colegas, posição que mantém até hoje. No seu entendimento, "mandato não é emprego, a vereadora que ficar grávida tem toda a liberdade de se licenciar e dar oportunidade ao suplente".

Em 1990, sagrou-se a deputada federal campeã daquela eleição, com quase 130 mil votos. A seqüência de vitórias — interrompida apenas pela derrota para o peemedebista Paulo Afonso na disputa para governador, em 1994 — prosseguiu em 1996, com a conquista do mesmo cargo que pleiteia atualmente. Mas, apesar de reeleita em 2000 e apontada por seis anos consecutivos pelo Datafolha como a prefeita mais bem avaliada do país entre nove capitais, não conseguiu fazer seu sucessor. O revés de 2004 é atribuído, principalmente, à implantação do sistema integrado de transporte coletivo na cidade, uma medida que resultou em três terminais inativos pelos quais Angela precisaria se explicar em todas as campanhas seguintes.

— Perdemos essa briga no processo de comunicação. Não soubemos informar a população das mudanças da cidade — acredita.

Novamente a deputada federal catarinense mais votada em 2006 (174 mil votos), Angela tentaria o governo estadual outra vez em 2010 e seria batida por Raimundo Colombo ainda no primeiro turno. Todo esse tempo ocupando ou disputando cargos públicos cristalizou a imagem de uma mulher mandona, austera, fechada. Quem a conhece na intimidade, porém, garante que isso é só uma de suas características.

— No dia a dia, ela é bem mais divertida do que as pessoas pensam. Confundem seu jeito de cobrar com autoritarismo porque é muito sincera — re-

LEIA AGORA

Veja por que Angela quer ser prefeita de Florianópolis: lelade.sc/carta-de-angela

vela a socióloga Ana Abreu, 53 anos, assessora pessoal de Angela e amiga desde 1997.

A professora aposentada Lucia Batistotti, 69 anos, 38 dos quais convivendo com o casal Amin, corrobora esse traço da personalidade da candidata. Conforme a ex-presidente da Associação Florianopolitana dos Voluntários, "com ela não tem meio-termo, é olho no olho". A própria Angela admite que demonstra sua satisfação ou contrariedade no olhar, o que pode ser interpretado como transparência pelos aliados ou intransigência pelos adversários:

— É o meu jeito de ser, tive uma formação germânica.

O PESADELO DA LOUÇA NA PIA

Fora da política, Angela gosta de relaxar na casa da família na praia de Ponta das Canas, julga-se boa cozinheira ("minha especialidade é quibe, influência do Esperidião") e tem mania de não dormir se houver louça na pia. Os filhos — o administrador e deputado estadual João, a advogada e publicitária Maria e a arquiteta Joana — que o digam: segundo ela, os três adoravam a fase em que a mãe era deputada em Brasília, pois assim podiam ir para a cama sem precisar se preocupar em lavar pratos, copos e talheres.

No rosto, confessa que passa a mesma base da Lancôme há 40 anos. Seu perfume é o Light Blue, da Dolce & Gabbana. Para vestir, prefere jeans e camisa — exatamente as peças que estava usando para descer o Morro da Caixa, ao som do jingle que saía dos alto-falantes de uma Kombi a descrever-se como "preparada e experiente". Com uma camisa branca modelo *muller* da Le Lis Blanc, calça da marca americana 7 (a predileta por ter um caimento que se ajusta melhor ao seu corpo, "sem tantas curvas") e tênis Nike, Angela liderou o cortejo de cerca de 40 pessoas, entre cabos eleitorais e carregadores de bandeiras.

No trajeto, entrou em cada rua, bateu de porta em porta e distribuiu santinhos pedindo votos. Três eleitores não quiseram pape: "Amin não dá", disse um deles. Ao final do percurso, três quilômetros depois, nos arredores do supermercado Imperatriz na Avenida Mauro Ramos, todos os que a acompanhavam resfolegavam devido ao cansaço e ao calor. Aos 62 anos, ela continuava impecável, sem uma gota de suor e sem um fio de cabelo fora do lugar.

De cima para baixo: primeira comunhão de Angela; com o filho João Amin; com o marido Esperidião Amin durante o casamento; com os irmãos e os pais



Gean Loureiro / Candidato / Prefeitura Municipal de Florianópolis / Gestão / Educação / Infraestrutura / Curso de Direito / UFSC

GEAN LOUREIRO

Candidato do PMDB persegue a prefeitura da Capital com a mesma obstinação retratada na recuperação do acidente que quase o matou

EMERSON GASPERIN

emerson.gasperin@diariocatarinense.com.br

Desde 2014, Gean Loureiro comemora dois aniversários. Um, na sua data de nascimento, 9 de outubro. Outro, em 19 de junho. No ano anterior, às 11h40 daquele dia, ele voltava de Itajaí pela BR-101 quando o carro que o levava bateu em um caminhão que estava entrando na rodovia, ocupando as duas pistas. A quina da carroceria colidiu com a frente do lado direito do veículo, onde Gean estava sentado no banco do carona. Contra todos os prognósticos, em um mês e meio ele estava de volta ao batente na presidência da Fundação do Meio Ambiente (Fatma). E com essa mesma obstinação que o candidato do PMDB persegue a prefeitura de Florianópolis.

– Acordei com um bombeiro pressionando minha cabeça e gritando para alguém vir ajudar, que tinha estourado uma veia e eu não iria resistir. Demorou quase uma hora para remover o painel do carro, que estava todo sobre minhas pernas. Chegou uma hora em que eu não aguentava mais de dor e pedi pelo amor de Deus que cortassem elas e me tirassem dali – descreve Gean, em uma padaria no bairro dos Ingleses, pouco antes do meio-dia de uma quinta-feira.

Ele está vindo de uma caminhada no Rio Vermelho e, pelo ritmo com que superou os três quilômetros do trajeto, é difícil acreditar na série de ferimentos que sofreu. O fêmur da perna direita rachou em três peda-

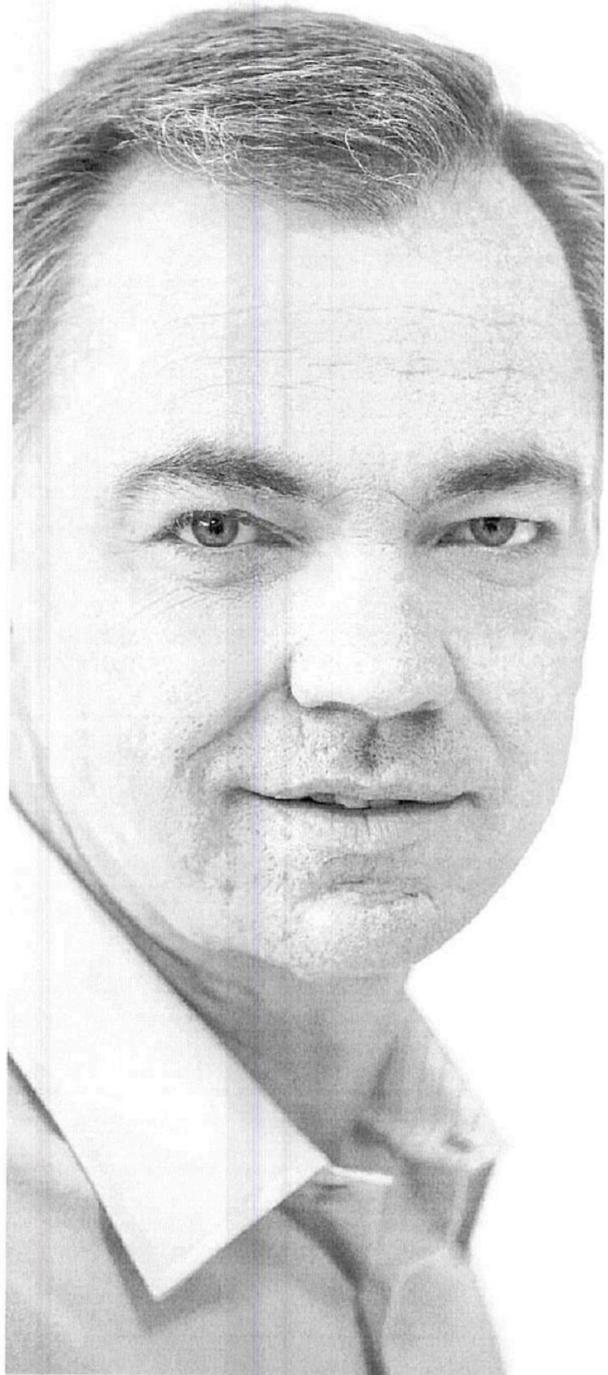
ços e a bacia esquerda foi completamente fraturada. O nervo ciático rompeu do lado esquerdo. Na cabeça, foram cinco grandes cortes, um dos quais da testa até abaixo do queixo. No braço esquerdo, duas fraturas expostas. E lesões na costela, mãos e dedos. Internado entre a vida e a morte no Hospital Marieta Konder Bornhausen, em Itajaí, teve alta 19 dias depois.

Segundo os médicos, sua rápida recuperação das inúmeras cirurgias que precisou teve-se as oito horas diárias dedicadas à fisioterapia. Mas houve momentos em que Gean pensou que não iria resistir.

– Tomava morfina direto, tinha alucinações. Ouvi um cara falando que nem adiantava o governador vir, o paciente era caso perdido. Fechava os olhos e via um clarão. Uma noite, desisti, me entreguei. Chamei Cintia (esposa) e disse: cuide das crianças, que estou indo embora.

Além de cicatrizes e sequelas, o acidente deixou lições a Gean. A primeira foi não esconder nada das quatro filhas – três biológicas e uma enteada –, que ficaram com a avó sem entender direito o que havia acontecido com o pai, enquanto Cintia ia acompanhá-lo no hospital. No dia seguinte, os colegas da escola disseram às meninas que ele havia morrido. A segunda lição, ele mesmo explica:

– Quando a gente quase vai para o outro lado, vira mais solidário. Nunca se sabe quanto tempo mais nos resta por aqui.



ATÉ O FECHAMENTO DESTA EDIÇÃO, A EQUIPE DE CAMPANHA DE GEAN NÃO ENVIOU A CARTA DO CANDIDATO EXPLICANDO POR QUE QUER SER PREFEITO

TRÊS PRINCIPAIS PROPOSTAS

GESTÃO

"Fazer uma gestão fiscal responsável. Antes de cumprir qualquer promessa, vou ter que botar a máquina em dia, a casa em ordem. Reduzir o custo da prefeitura, reavaliar contratos, aumentar a arrecadação. Ajustar isso é fundamental."

EDUCAÇÃO

"Não podemos mais pensar os filhos na escola só por meio período. Mas não há condições de todas as crianças estarem na escola em tempo integral. Então, precisamos ter atividades no contraturno. Vamos discutir com pais, professores e alunos quais são os projetos na própria comunidade que

vão realizar esse contraturno - esportivos, ambientais, de empreendedorismo - e implantá-los de acordo com a vocação de cada bairro."

INFRAESTRUTURA

"Não posso pensar em não ter como prioridade conduzir o elevado do Rio Tavares. Só quem mora lá sabe a dificuldade quem é."

VEREADOR MAIS JOVEM DO ESTADO

Se tudo correr conforme Gean planeja, em 1º de janeiro de 2017 ele estará sendo empossado na administração da cidade onde nasceu, há 44 anos. Manezinho da Rua Coronel Caetano Costa, na Coloninha, comunidade tradicional do Estreito, o filho de Aguilardo e Judite gostava de brincar de carrinho de rolimã, jogar futebol e passar por baixo da catraca do Estádio Orlando Scarpelli para assistir às partidas do Figueirense.

Aos 19, ingressou no Direito da UFSC porque queria fazer concurso para promotor. Mas a polícia falou mais alto. À época admirador de Leonel Brizola, filiou-se ao partido do líder trabalhista gaúcho, o PDT, com o desafio de se tornar o vereador mais jovem de Santa Catarina em 1992. Virou a noite acompanhando a apuração, que era manual. Levou apenas 772 votos e se elegeu por causa da legenda. Foi a primeira e última vez que dependeria desse recurso para vencer algum cargo eletivo. Na Câmara municipal, cumpria cinco mandatos consecutivos, chegando a presidir a Casa de 2009 a 2010.

- Achava que o vereador podia fazer mais do que ele realmente pode. Descobri que não, que uma de suas funções era levar as demandas da sociedade para o prefeito. Sem o aval do prefeito, você não consegue mudar a vida das pessoas. Por isso que quero ir para o Executivo. Tanto que, quando presidi a Câmara, fui acusado de me meter em assuntos da prefeitura - afirma, destacando leis como a que restringe o uso de cigarro em locais públicos e fechados e a que oferece gratuitamente o teste da orelhinha a todos os recém-nascidos entre os mais de mil projetos que apresentou.

Vem da vereança também os outdoors que mandava espalhar pela cidade em efemérides. De acordo com Gean, a prática surgiu porque sua mãe

lhe pediu para fazer uma homenagem ao Dia do Professor. Com as redes sociais, o hábito foi abandonado.

Do Legislativo florianopolitano, ele lutou por uma vaga na Câmara Federal em 2010. Ficou na terceira suplência. Sentiu o gostinho de Brasília em 2011, quando assumiu o mandato. Voltou para ocupar a secretaria de governo na segunda gestão de Dario Berger na prefeitura, já no atual partido, após passar também pelo ninho tucano. Justifica-se dizendo que, como havia começado muito jovem, "talvez não tenha buscado o abrigo partidário correto", mas acabou se encontrando no PMDB.

Em 2012, concorreu à sucessão de Berger. Perdeu no segundo turno para Cesar Souza Junior. No programa eleitoral, abordou algo que nunca havia considerado um impeditivo para se eleger prefeito, apesar de ser muito explorado pelos adversários, principalmente em tom de chacota: sua voz, aguda e rouca.

- Meu problema nas cordas vocais começou com 19 anos. Fiz uma cirurgia em São Paulo com o mesmo médico que operou Silvio Santos. Ele me disse que eu nunca seria cantor. Na política, porém, seria minha marca. Todo mundo iria se lembrar de mim quando me ouvisse - conta.

IDAS E VINDAS DO HOSPITAL

Os inúmeros cargos que ocupou na vida pública lhe ensinaram que há o tempo de discutir, o tempo de decidir e o tempo de fazer. Gean quer fazer. Ainda mais depois que, ainda deputado, ouviu da caçula Mariana, hoje com 10 anos, o pedido para que providenciasse um parquinho para as crianças da Tapera. Explicou à pequena que o responsável por isso era o prefeito.

- Para que então ser deputado se você não pode nem fazer um parquinho? Você tem é que ser prefeito! - disse-lhe a menina.

É o que Gean pretende. Para chegar lá, em junho submeteu-se a mais uma operação, devido a uma necrose na parte superior do fêmur. Botou uma prótese, sua 12ª. Se não fizesse, seu quadril iria desabar. Novamente, se restabeleceu em tempo recorde, como quando precisou de andador (previsão de 30 dias, ficou 12) e de muleta (reduziu de três meses para um mês e meio). Ao usar cadeira de rodas, sentiu na pele as carências de acessibilidade na cidade.

- No Centro não há um rebaixamento no meio-fio nas faixas de pedestres. O cadeirante tem que descer pelas rampas dos carros e atravessar fora das faixas.

ESPECIALISTA EM BERBIGÃO

O pemedebista também perdeu a conta de quantos parafusos carrega no corpo. Toma antibiótico quatro vezes por dia e continua na fisioterapia. A pretensão é não ficar com nenhuma sequela do acidente - hoje ele manca de leve de uma das pernas. Sempre dormiu pouco, na campanha está dormindo menos: da meia-noite às 5h. A família se reúne no café da manhã. Seu refúgio é o canto esquerdo da praia dos Ingleses, onde tem um apartamento. Procura passear com as filhas, "para que elas larguem um pouco o celular".

É fã de Tim Maia, embora o disco que mais embalou o romance com Cintia seja o dos Tribalistas. Toda vez que escutam músicas do trio, como *Já Sei Namorar*, lembram do início de sua história de amor. Foram colegas no Colégio Catarinense. Reencontraram-se na prefeitura, quando Gean era secretário e, ela, gerente de projetos. Daí começou a relação. A arquiteta trouxe uma filha de um casamento anterior. Ele, três de dois.

- Eu e Cintia não temos filhos nossos, só os meus e os dela.

Na cozinha, seu prato predileto é berbigão. Jura que faz um com palmito e azeite de oliva que é de se comer suspirando. Perfume, "o que a mulher gosta". Não se importa com grifes. Durante a entrevista, veste uma camisa da Individual, jeans e tênis Asics. Seu dia começara as seis da manhã com uma panfletagem nos Ingleses. No celular, instalou um aplicativo que calcula quantos passos deu desde que acordou. Mostra o visor: mais de 10 mil.

De cima para baixo: Gean aos dois anos; em mergulho com a mulher Cintia na Ilha do Avorêdo; no hospital após acidente em 2014; junto com as filhas Marina (E), Ana Clara e Mariana em 2011



Diário Catarinense Nós

"Dia 1 / Dia 2"

Dia 1 / Dia 2 / Uber / UFSC / Florianópolis / Aeroporto Hercílio Luz

4 NÓS DIÁRIO CATARINENSE
SÁBADO E DOMÍNICO
29 E 30 DE OUTUBRO DE 2016



SEGUNDA, 3 DE OUTUBRO

Comigo não tem balinha. Antes mesmo de apertar o celular no car holder apresentado pela Uber, b) engatar o fio do carregador, c) acessar o aplicativo e d) apertar a tecla online, eu já havia decidido que desprezaria no mínimo uma das recomendações para prestar um serviço cinco estrelas. Meu negócio é levar gente para lá e para cá de um jeito rápido, seguro e agradável, cobrando bem menos do que um táxi por isso. Duvido que algum passageiro me avalie mal porque eu não lhe ofereci nada para chupar. Nem biber (duas). Muito menos ler (três): vai que o freguês é como eu, que fica enjoado se lê com o carro em movimento.

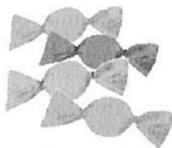
Tenho algo muito melhor do que drops, água mineral ou revistas para transformar cada momento que passaremos juntos em uma experiência inesquecível para você, baby - e não estou me referindo à cultura, beleza, carisma ou modéstia impressionantes com que papai do céu me brindou. Meu diferencial é a sonzeira. Depois do ritual para começar a operar como motorista-parceiro da Uber à vera, espeto um pen drive com mais de 400 horas de música boa de tudo quanto é tipo. Mal conecto o aplicativo, pisca a telinha. Leonardo, Terminal Rita Maria. Deslizo o botão "aceitar viagem". Só então ligo a ignição e parto de minha base, em Coqueiros, rumo ao Centro.

A chance de topar com uma blitz era grande. Em três dias de funcionamento na cidade, 15 carros haviam sido apreendidos pela guarda municipal por transporte irregular. A fiscalização se intensificava nos horários de pico. Locais como a rodoviária representavam alto risco de ter o carro cercado por taxistas e guinchado. Bom, qualquer treta eu mostro o crachá da firma e torço para que deixem a imprensa trabalhar. A paranoia preventiva se dissipou quando vi um guirizão acenando da extremidade oposta aos pontos de táxi. Na outra mão, segurava um celular. Ia para a Serrinha. Sentou-se ao meu lado e puxou papo.

Era sua primeira vez de Uber. Oficialmente, a minha também. Calouro de Administração na UFSC. Tinha ido votar em Joinville. O pai foi candidato a vereador. Elegu-se. O assunto terminou antes dos 24 minutos que demoramos para completar os 12 quilômetros do trajeto. O passageiro seguinte chamava-se Victor, Veterinário. Fazia um ano que tinha uma pet shop na Trindade. A crise, é, não está fácil com esta crise. Tinha pegado um Uber de manhã e aprovado, principalmente (CQD) pelo preço. Queria saber mais, se estava rolando bastante corridas, se muitos carros estavam sendo recolhidos.

Fui obrigado a lhe confessar que o jornalista ali era eu. Ele perguntou meu nome completo. Falei. Ele fingiu reconhecer e garantiu que lia minhas matérias. Não consegui se lembrar de nenhuma até descer em frente a um prédio no Itacorubi. Interpretei seu cinismo como uma cortesia. Na portaria do mesmo prédio, peguei o caladão Anderson e o larguei no Centro.

Voltei para a região para atender Mônica na Carvoeira. Com muito custo, me entendi com o mapa do aplicativo e achei a rua dela, uma quebrada sem saída. Parei no endereço solicitado e aguardei. Tentei contato telefônico via Uber, sem sucesso. A cliente cancelou a corrida. Era o pretexto que eu queria para encerrar o expediente. A ameaça de repressão ainda pairava no ar. E não tinha uma balinha para aliviar a tensão.



Período 17h20 as 19h11	Viagens 3	Duração 48min 45seg	Kms 24,53	Férris R\$ 36,53
Cancelamentos pagos: 3				



TERÇA, 4 DE OUTUBRO

Hoje eu vou dirigir de dia. De cara, um cancelamento no Centro. Não tive tempo de me lamentar. Thomas me requisitava das imediações. Acomodou-se no banco de trás. Pô, maior bandeira! Qualquer um que me visse perceberia que eu era motorista da Uber - a não ser que estivesse, sei lá, pagando uma aposta. Mas o cara era alemão. Casualmente e em português com forte sotaque, informou que em sua cidade, Munique, o serviço já está regulamentado. Ficou no Estreito, sem desconfiar do perigo que corremos.

A telinha não parava de piscar. E eu, de cruzar a ponte com Juliana (Shopping Beiramar-Centro) e Marcos (Coqueiros-Centro), em percursos nos quais rodei mais para buscá-los do que os transportando. Gabriela me acionou de um hotel na Avenida Hercílio Luz. Não deu as caras. Liguei para ela do aplicativo. Desta vez, funcionou.

- Sim, eu realmente chamei do hotel. Mas ontem vi um rolo no aeroporto, me contaram que era por causa da Uber. Agora há pouco, a Guarda Municipal passou aqui na frente. Fiquei com medo de dar problema para você, aí resolvi esperar no posto de gasolina do outro lado da rua. Vou aqui na frente, para não suspeitem - explicou a bióloga da pequena São Manoel (SP) no entrar no carro para participar de um congresso na UFSC.

Estela, a cliente que atendi no Itacorubi após carregar o quieto Diogo da Trindade à Lagoa da Conceição, teve o mesmo cuidado. Enquanto eu botava suas duas malas no bagageiro, sentou-se à direita do volante e anunciou o temido destino: aeroporto. Disse que viajava muito a trabalho (não o que fazia), usava Uber em outras cidades e sabia que o serviço estava tendo problemas em Florianópolis. Estacionei entre dois táxis no embarque do Hercílio Luz. Imediatamente, outro taxi parou em fila dupla, me trançando. À esquerda, viaturas da polícia federal e da PM. Ferrou. Na verdade, pensei em outro verbo com "F".

Coloquei sua bagagem no carrinho e me despedi a uma distância não tão longe que parecesse que não tínhamos relação nenhuma nem tão perto que sugerisse alguma intimidade. Sai ileso e com R\$ 20,00, meu recorde até o momento. Pena que tive que voltar sozinho. Apesar dos insistentes chamados do local, não tive peito para acionar nenhum. Não naquela vibe ruim. Seria brincar demais com a sorte.

A noite caiu e tirou a turistada da toca. André, baiano de Feira de Santana (Carvoeira-Mercado Público), Lucas, curitibano (Intercity Hotel Beira-mar Norte), Marcos e Raquel, sul-matrossenses. O casal embarcou no hotel Majestic ansioso para comer camarão na Lagoa da Conceição. Lá chegando, resolvi dar um tempo para ver se pintava alguma corrida.

Uns dez minutos e surge Anja, de um hotel na Barra da Lagoa. Só podia ser uma gringa. Uma não, quatro valquírias alemãs que, em inglês, pediram para que eu as conduzisse até o cinema no Shopping Iguaçu. Foram a viagem inteira conversando na língua-mãe. Na saída, agradeceram com um "thanks", "Dank", retribuindo, gastando todo o meu conhecimento do idioma germânico para fechar um ciclo que havia começado com um contrerriano das lousas.

Período 12h02 as 20h52	Viagens 11	Duração 3h3min 14seg	Kms 94,13	Férris R\$ 131,66
Cancelamentos pagos: 2				

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 29/10/2016

[R\\$ 500 mil para campus curitibanense da UFSC](#)

[MBL de SC promove ações para desocupação das escolas invadidas](#)

Notícias dia 30/10/2016

[Gean Loureiro \(PMDB\) é eleito prefeito de Florianópolis](#)

[Rio Deserto vence etapa nacional do Prêmio IEL de Estágio](#)